

BULLYING NOS ANOS INICIAIS DAS ESCOLAS PÚBLICAS: COMPREENDER PARA PREVENIR

RESUMO

Paulo Sérgio Marinho de Souza - Faculdade Tapajós/PA
Hercules Farnesi Cunha - AEMS - UniSALESIANO

Este artigo tem como objetivo identificar quais são os motivos que despertam o fenômeno bullying entre discentes dos anos iniciais do ensino Fundamental, de escolas da Zona Urbana do Município de Santarém, PA, ou seja, a cometer atos de violência que promovem a exclusão social no meio escolar. Partindo deste princípio, observaremos questões que darão embasamento a este artigo e fortalecerão as ideias para compreender os atos praticados pelos discentes no âmbito escolar, bem como, verificar os motivos pelo qual os discentes praticam atos de violência, descobrir como são desenvolvidas as motivações evidentes adotadas por um ou mais estudantes contra o outro, identificar as consequências para a exclusão social causada pelo ato da prática do bullying nos anos iniciais, compreender quais são as ações do docente ao presenciar atos de violência causados pelo bullying e identificar a percepção dos profissionais da educação sobre os sintomas característicos do Fenômeno Bullying. Para isto, é preciso desenvolver um olhar mais observador tanto dos professores quanto dos demais profissionais ligados ao espaço escolar para que possam atentar para sinais de violência, procurando neutralizar os agressores, bem como, assessorar as vítimas e transformar os espectadores em principais aliados. As pesquisas utilizadas foram a exploratória, descritiva, qualitativa e quantitativa. Para este estudo, utilizamos 57 discentes e 12 docentes de 06 escolas da Zona Urbana do Município de Santarém – Pará – Brasil..

Palavras-Chave: Violência educativa; Orientação processual; Desalienação.

BULLYING NOS ANOS INICIAIS DAS ESCOLAS PÚBLICAS: COMPREENDER PARA PREVENIR

Paulo Sérgio Marinho de Souza - Faculdade Tapajós/PA
Hercules Farnesi Cunha - AEMS - UniSALESIANO

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como base a dissertação de mestrado, apresentada no ano de 2011, e tem como objetivo levantar dados sobre o fenômeno bullying entre discentes dos anos iniciais do ensino Fundamental, de 06 (seis) escolas da Zona Urbana do Município de Santarém, PA.

Nas sociedades contemporâneas, a violência passa por uma série de transformações, a partir dos anos 60 e 70 do século passado, gerando um novo paradigma da violência, renovando percepções que dela se tem e suas representações, que funcionam por excesso e por carência numa escala global. Transformações estas que são também uma resposta às mudanças colocadas pelo capitalismo tardio ou pela assim chamada globalização. Assim, estabelece-se uma relação no âmbito educativo do processo ensino-aprendizagem os sujeitos envolvidos na relação de desigual poder que, permiti ao educando e docentes reelaborar seu conceito de violência, formar opiniões e fazer intervenções, por meio de uma visão diferenciada pelo pensamento livre de paradigmas pré-existentes que necessariamente precisa de mudanças para o convívio social.

Diante do exposto, estamos diante de um processo de aprofundamento sobre o tema e de uma maior compreensão sobre as manifestações do bullying na atualidade, o que demonstra a importância na busca pelo entendimento do processo das relações entre estes jovens e pela possível redução de comportamentos agressivos nas instituições de ensino. Neste viés, este artigo com base em uma dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Hermenêutica: A Fonte dos atos agressivos com a intenção de excluir como forma de discriminação no meio escolar chamado bullying, diz respeito a uma nova temática investigativa.

OS ANTECEDENTES DO BULLYNG E SUAS CONSEQUENCIAS ATUAIS

Numa época em que aprender a aprender é uma necessidade emergente, onde assuntos de relevância tornam-se viáveis em estudos de pesquisa, com temas de grande importância para a discussão em nosso sistema educacional como, por exemplo, o bullying em especial o preconceito e a discriminação que ocorre nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Os estudos sobre o bullying escolar tiveram início na Suécia, na década de 70 e na Noruega, na década de 80. Aos poucos, vem se intensificando nas escolas dos mais diversos países, sendo possível quantificá-lo em índices que variam de 5% a 35% de envolvimento. No Brasil, os estudos são recentes, motivo pelo qual a maioria dos brasileiros desconhece o tema, sua gravidade e abrangência. Pesquisas realizadas na região de São José do Rio Preto, interior paulista, (e no município do Rio de Janeiro, (ABRAPIA, 2002), com o intuito de reconhecer a incidência bullying, revelaram que, em média, 45% dos estudantes de escolas públicas e privadas, estão envolvidos no fenômeno, tendo em vista que em 2009 os índices com toda a certeza são bem mais alto do que os anos anteriores da pesquisa. Estudos desenvolvidos pelo Instituto SM para a Educação, em cinco países (Espanha, Argentina, México, Chile, Brasil), evidenciaram que o Brasil se tornou campeão em bullying.

Estudos demonstraram que a média de idade de maior incidência entre os agressores, situa-se na casa dos 10 a 14 anos, enquanto que as vítimas possuem em média, 9 anos. Fato que vem a comprovar que os

papéis dos protagonistas e as formas de maus-tratos empregadas se intensificam, conforme aumenta o grau de escolaridade. Entre os adolescentes, uma prática que se torna comum, a cada dia, são os ataques virtuais, denominado de cyberbullying. É caracterizado pelo uso de ferramentas das modernas tecnologias de comunicação e de informação, principalmente através de celulares e da internet. Fofocas, difamações, fotografias montadas e divulgadas em sites e no Orkut, seguidas de comentários racistas e sexistas, e-mails ameaçadores, uma verdadeira rede de intrigas, que envolvem discentes e docentes.

Nos Estados Unidos, pelo menos 37 tiroteios ocorridos em escolas foram atribuídos ao bullying. O massacre de Columbine é um exemplo de como a vítima pode se transformar em agressor. Na pacata cidade de Taiuva (SP), após anos de ridicularizações, um jovem entra armado na escola, atira contra 50 estudantes e dá cabo à existência. Em Remanso (BA), um adolescente mata seu agressor principal, um garoto de 13 anos e a secretária do curso de informática. Em Petrolina (PE), uma adolescente e seu colega asfixiam uma garota de 13 anos, por ser alvo de apelidos pejorativos. São casos presenciados no meio de comunicação exemplo que o bullying esta presente firmemente no século XXI e que os casos acontecidos são observados sem mera importância principalmente nas escolas dos anos iniciais que nos últimos anos esta ocorrendo com mais frequência.

Independente de área de formação, a competência de orientação a respeito do bullying deve ser inerente ao profissional de educação do século XXI. Assim, a educação não deve apenas transmitir informações para um processo classificatório de pessoas, pois aí seria chamada de educação bancária, conforme Paulo Freire. Alguns estudiosos que enfatizam muito bem a respeito do bullying. É importante ressaltar as idéias e conceituação de autores que ressaltam a mesma ideia desse tipo de violência que na maioria das vezes a vítima aceita todo o seu sofrimento sem dizer nada a ninguém, porém se transforma em uma pessoa triste, constantemente deprimida e sem perspectivas de lutar pelos seus direitos, nesse caso, ela poderá até optar pelo suicídio. Talvez guarde essa mágoa durante anos e de repente, em um momento de explosão, invada sua escola atire nos colegas e em quem atravessar seu caminho, passando da condição de vítima para agressor, todavia sempre que a vítima opta por matar, ela pratica o suicídio em seguida segundo os especialistas.

Pode ser também que a vítima não consiga reproduzir seus maus tratos ao seu agressor, más o fará assim que encontrar uma pessoa mais fraca do que ela, estabelecendo assim o tão temido círculo vicioso do bullying. É importante ressaltar que o bullying, não é praticado apenas por alunos e entre alunos. Conforme foi dito anteriormente, ele se traduz em todas as relações desiguais de poder em que um dos agentes seja ridicularizado ou sofram qualquer tipo de agressão. Portanto, no ambiente escolar, pode acontecer também entre alunos e professores, inclusive alguns alunos, além de agredir fisicamente e verbalmente seus professores na escola - criam perfis em sites de relacionamentos visando ridicularizá-los ainda mais.

Em contra partida alguns professores utilizam o recurso avaliação para punir e alienar seus alunos; abusam de seus conhecimentos e "poder" para humilhá-los. A partir do momento em que o bullying começa a ser praticado, independentemente de quem sejam seus protagonistas, ele gera situações de violência que podem se estender por toda a sociedade. É necessário que todos os envolvidos no processo educacional estejam atentos a este vilão que permeia a educação do século XXI e elaborem planos de ação em que valores como o respeito, amor, companheirismo e cidadania sejam constantemente abordados. Conseqüentemente, os ambientes escolares que investirem nesses valores tão esquecidos em tempos atuais, estarão contribuindo para que a prática do bullying venha a se extinguir de nossas escolas.

Ao sofrer a violência, tanto as crianças como os adultos, sozinhos, não têm como se defender. Os colegas, embora digam repudiar esse tipo de violência psicológica e sentirem pena, declaram que nada podem fazer para defendê-la, com medo de ser a próxima vítima. Muitas crianças vítimas desenvolvem medo, pânico, depressão, distúrbios psicossomáticos e geralmente evitam retornar à escola quando esta nada faz em defesa da vítima. A fobia escolar geralmente tem como causa algum tipo de violência psicológica. Segundo Aramis Lopes Neto, coordenador do programa de *bullying* da ABRAPIA (Associação Brasileira Pais, Infância e Adolescência,) a maioria dos casos de *bullying* ocorre no interior das salas de aula, sem o conhecimento do docente.

Além de conviver com um estado constante de pavor, uma criança ou adolescente vítima de *bullying* talvez sejam as que mais sofrem com a rejeição, isolamento, humilhação, a tal ponto de se verem impedidas de se relacionarem com quem ela deseja, de brincar livremente, de fazer a tarefa na escola em grupo, porque os mais fortes e intolerantes lhe impõem tal sofrimento.

No âmbito universitário não são raros os casos de mestrandos e doutorandos, no decorrer de sua pesquisa, ser vítimas de várias formas de pressão psicológica, *normais*, como os prazos de entrega dos trabalhos falta de dinheiro para continuar a pesquisa, faltam de apoio do orientador, familiares, colegas e amigos. O *bullying* tem o poder de levar o pesquisador ao travamento de sua produção intelectual, além de causar danos à sua existência cotidiana.

DOCENTE COM ORIENTAÇÃO E PRÁTICA PEDAGÓGICA SÓCIO-TEÓRICA

Segundo pesquisas, existe uma relação de continuidade entre a criança cuja estrutura psíquica é *perversa, que cometia* atitudes antissociais, e o adulto que comete atos delinquentes ou criminosos, lembra Lopes Neto. A estrutura psíquica é a mesma. São casos em que a educação falha, embora o sujeito possa obter algum sucesso na sua vida escolar e profissional. Adquirir conhecimento ou um título de doutor nada tem a ver com adquirir sabedoria. Por vezes, encontramos pessoas cujo conhecimento fez aumentar sua arrogância e insensibilidade em relação ao próximo. Ou seja, embora a formação escolar e universitária não tenha o poder de melhorar a estrutura psíquica do tipo perversa, temos que trabalhar com cálculo e empatia para formar bons cidadãos. Se pudéssemos proporcionar tanto uma educação (familiar) como um ensino (escolar), voltados mais para a *sabedoria* do que para o *conhecimento* e a *informação*, talvez pudéssemos trilhar um caminho mais efetivo de prevenção em prol da saúde psicológica e social.

Segundo Chauí, Marielena (op.cit.: 2000 p.1),

“a tirania (...) nasce do desejo de servir e é o povo que gera seu próprio infortúnio, cúmplice dos tiranos. Doença que se propaga por contaminação, a tirania ataca a sociedade inteira. E se o segredo do costume é ‘ensinar-nos a servir’, nenhum costume é antídoto para a servidão”.

A pesquisadora e educadora brasileira Cléo Fante escreveram o livro "Fenômeno Bullying". Em uma edição revisada e atualizada por recentes pesquisas, o texto apresenta o "Bullying", como um fenômeno que vem sendo tema de preocupação e de interesse nos meios educacionais e sociais em todo o mundo. Embora ofereça um panorama mundial sobre o problema, Cléo Fante destaca a realidade vivida hoje no Brasil e apresenta um programa inédito e extremamente prático a ser aplicado nas escolas, que já vem sendo desenvolvido em alguns estabelecimentos de ensino, com sucesso. O livro "Fenômeno Bullying" tem como objetivo despertar autoridades educacionais, educadores, pais, alunos e a sociedade em geral para o assunto,

muitas vezes encoberto nas escolas. Acreditando que uma nova geração, mais pacífica, é possível, o Programa Educar para a Paz é fundamentado em valores como a tolerância e a solidariedade, que devem ser estimulados entre os alunos, através do diálogo. O respeito e as relações de cooperação também precisam ser valorizados. Para isso é preciso que haja união e interesse de todos: direção da escola, professores e comunidade.

O recreio é um período que os professores utilizam para seu descanso ou para preparar materiais das próximas aulas, devendo-se lembrar que, durante este período, muitos alunos podem praticar, sofrer e testemunhar ações de *bullying*, além de muitos terem lesões graves (como fraturas) e, também, brigarem, muitas vezes como no desenvolvimento das aulas de educação física e nos resultados da prática de atividades físicas desorientadas. Por isto, considera-se essencial discutir com os alunos, durante as aulas de educação física, algumas ações de prevenção. Além disso, é importante que todos os docentes e funcionários da escola elaborem estratégias para evitar estes problemas.

No âmbito internacional, as estratégias de combate ao *bullying* estão mais consolidadas nas escolas e, também, mais desenvolvidas no contexto acadêmico. Todos os projetos e programas educacionais brasileiros que combatem e previnem a violência escolar, até onde esta pesquisa avançou, dão maior enfoque à violência explícita. Na realidade, ainda são reduzidos os programas educacionais que objetivam atuar sobre o fenômeno *bullying*. Para que as estratégias de intervenção do *bullying* sejam eficazes, deve ser incluído, além dos alunos, o corpo docente, os funcionários da escola, os familiares e a comunidade do entorno.

A existência de um alargado conjunto de situações, que designamos globalmente por violência na escola, tem dado origem, nos anos mais recentes, a diversos debates públicos e a numerosas referências nos meios de comunicação social. Foi neste contexto que se proporcionou uma linha de investigação que questionou, de um ponto de vista sociológico, as concepções presentes, procurando um confronto permanente entre a investigação teórica e empírica, dando particular atenção à análise e exploração das diferentes dimensões que o fenômeno assume como formas legais que amparam todos os atos que se presenciaram na prática do *bullying*.

Na nossa sociedade, temos três documentos legais que formam a base do entendimento com relação ao desenvolvimento e educação de crianças e adolescentes, afirma Lopes Neto (2005). São eles: a Constituição da República Federativa, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas. Em todos esses documentos estão previstos os direitos ao respeito e à dignidade, sendo a educação entendida como um meio de prover o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania.

O que se questiona, no cenário apresentado, é se não seria por demais temerário, delegar ao Judiciário, que possui força estatal, a intervenção na tentativa de resgatar conceitos elementares de vida em sociedade. A situação alerta para uma mudança de olhar, por parte dos operadores do Direito e da rede de proteção, que se torna imprescindível neste contexto, ensejando repensar não só os princípios básicos de Direito, mas também aqueles referentes à condição humana.

Não deve ser olvidado que a relação estabelecida entre o adolescente, o ato infracional e/ou infração disciplinar e a escola merecem atenção especial, sendo ponto fundamental para o encaminhamento de políticas públicas voltadas à questão social e educacional, possibilitando, assim, uma atuação preventiva, direcionada para os problemas detectados. Entretanto, é importante que se diga que este não é o único viés do problema.

Os atos infracionais mais comuns, originários do *bullying*, são aqueles equiparados à injúria, à calúnia, à difamação, à ameaça, às lesões corporais e ao racismo. Entretanto, podem ocorrer violências outras que caracterizem o fenômeno, consoante se depreende do julgado do Tribunal de Justiça do Distrito Federal.

O DESPERTAR PEDAGÓGICO-DESALIENTATIVO EM VISÃO DIDÁTICA

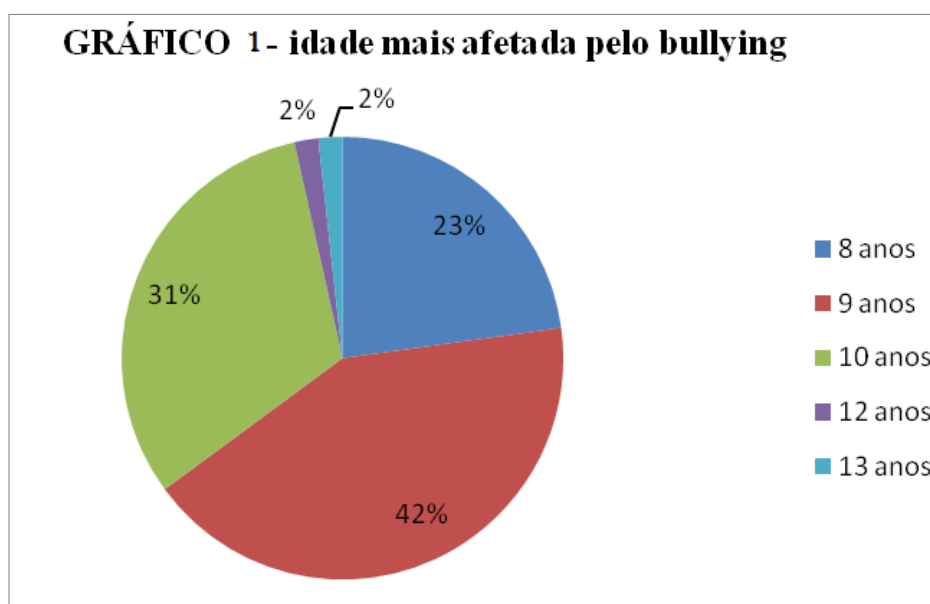
A escola deve agir preventivamente contra o *bullying*, pois quanto mais cedo este problema cessar, melhor será o resultado para todos os alunos. Intervir imediatamente, tão logo seja identificada a existência de *bullying* na escola, é uma necessidade, devendo, portanto, as instituições de ensino, se manter em permanente estado de atenção.

Atualmente, uma das mais significativas maneiras de se combater o *bullying*, é por meio da cooperação de todos os envolvidos, criando uma estratégia permanente para se superar o problema, construindo laços solidários e, dando a visão para os atores de todo o processo, incluindo nesta, os malefícios deste tipo de prática. A força da instituição e da participação organizada colaboraria na prevenção e no controle (que não deveria ser confundido com repressão) contra o *bullying*.

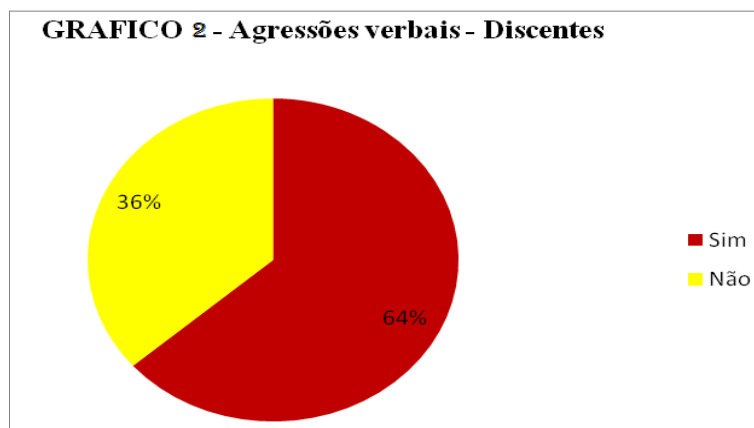
A ideia presente é utilizar um plano de ação entendida como monitoramento reflexivo da reprodução social. O conceito de violência, muitas vezes, é usado de forma indiscriminada para referirem-se a agressões, incivildades, hostilidades e intolerâncias. Ainda que na perspectiva ética geral, ou dos sentimentos da vítima, tais fenômenos possam reverberar como violações de direitos, há que cuidar, principalmente quando se lida com crianças e jovens, dos limites conceituais, já que no plano de recomendações e políticas é importante conceituar de forma criteriosa, por isso, não se trata de tratar a violência escolar de uma forma simplista e sim, como uma categoria de (in) disciplina agressiva, *bullying*.

Metodologia: Foram utilizadas pesquisas exploratórias, descritivas, qualitativas e quantitativas. Para este estudo, utilizamos 57 discentes e 12 docentes de 06 escolas da Zona Urbana do Município de Santarém – Pará – Brasil.

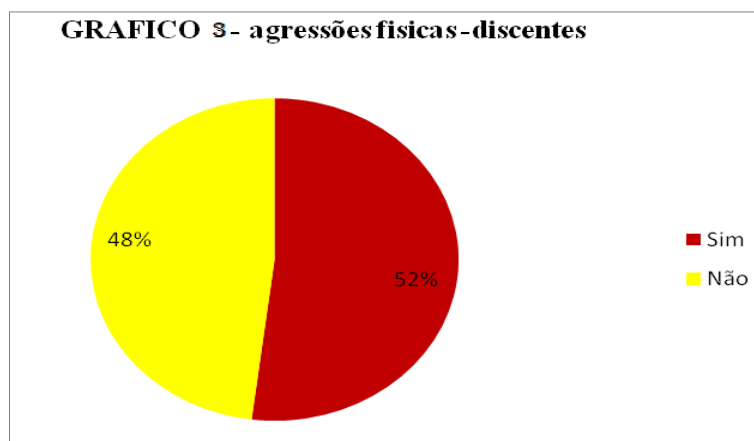
Resultados Alcançados:



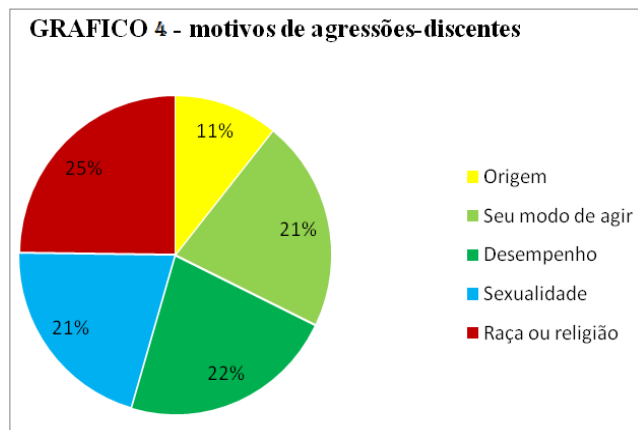
Conforme os questionários aplicados, comprova-se que as interferências de idade nestes atos estão na faixa etária de 8 a 13 anos, e que o índice de 42% revela serem crianças de 9 anos as mais afetadas pelo *bullying*.



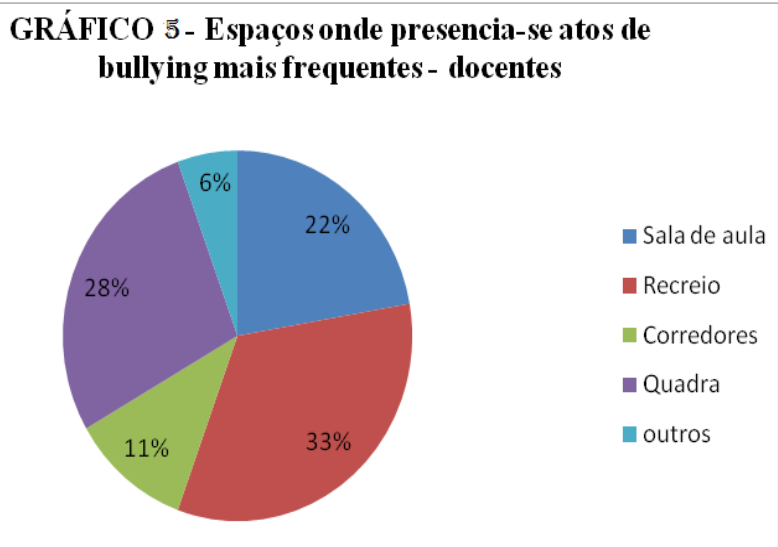
De acordo com as informações obtidas acima, podemos perceber que dos 57 discentes pesquisados, 64% já sofreram agressões verbais e 36% disseram que ainda não.



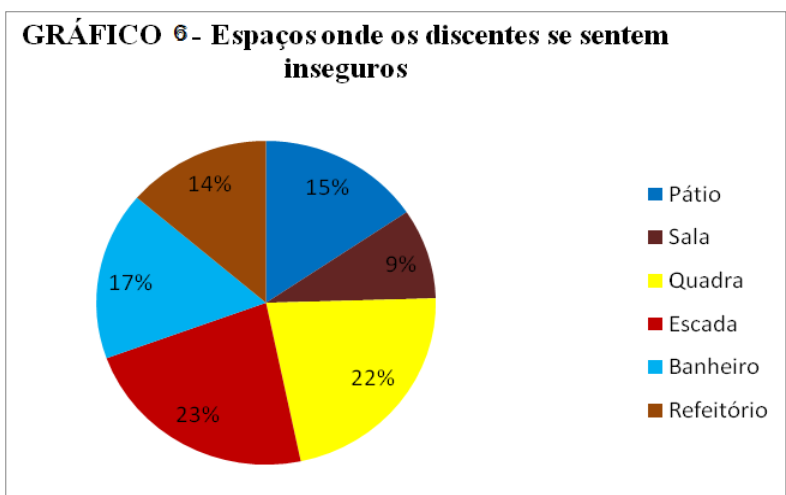
Neste gráfico, podemos observar que dos 57 discentes, 52% já foram agredidos fisicamente no espaço escolar por algum colega e 48% disseram que nunca foram agredidos fisicamente.



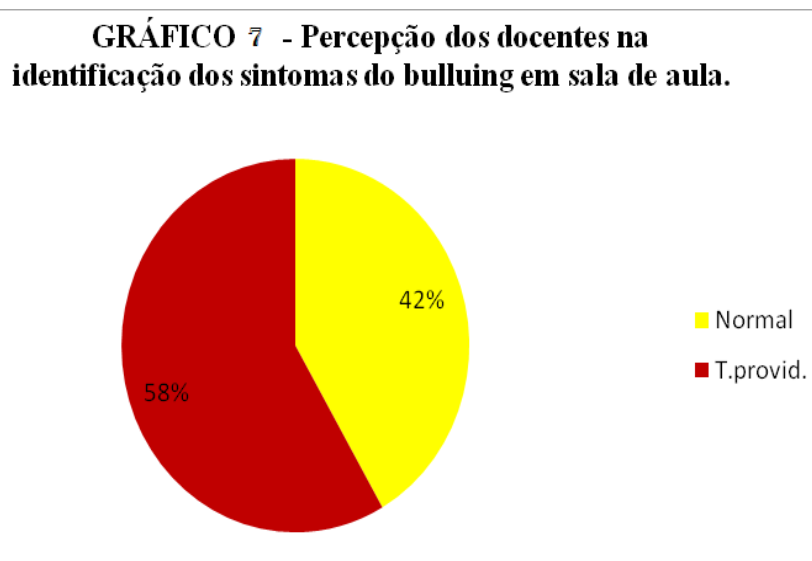
Diante do quadro, podemos perceber que a veracidade dos atos nos anos iniciais ocorre freqüentemente pelos motivos maiores na qual 11% são motivos da origem social, 21% são do seu modo de agir em sala de aula, 22% são pelo seu desempenho acadêmico em sala, 21% ocorre pela sexualidade do discente e 25% dos motivos são pela raça ou religião, visivelmente da raça e religião dos discentes que correspondem a um índice bem alto na maioria dos questionários respondidos.



De acordo com os docentes, 22% dos atos de *bullying* são cometidos em sala de aula. 33% são no horário do recreio, 11% nos corredores, 28% na quadra de esporte e 6% em outros lugares dentro das dependências da instituição de ensino. Contudo, a maior concentração dos atos está no horário de recreio.



A insegurança dos discentes em determinados locais dentro da instituição está assim distribuída: 15% sentem-se inseguros no pátio da escola, 9% em sala de aula, 22% na quadra de esporte ou área de recreação, 23% se sentem inseguros na escada da escola, 17% dentro dos banheiros e 14% na hora do intervalo quando os discentes vão para o refeitório no horário do lanche.



Observa-se que 58% dos docentes não conseguem identificar nos discentes características dos sintomas *bullying* e 42% conseguem identificar, mas não são tomadas as providências necessárias visto que os docentes não dão importância ao problema.

CONCLUSÃO

Precisamos tomar iniciativas, dar início as novas orientações aos nossos alunos a perceber que os atos do *bullying* só trazem prejuízos tanto físicos como emocionais e que alguns cuidados deverão ser tomados para prevenir, no entanto pode ser iniciada essa tarefa pelos discentes e docentes que serão agentes multiplicadores como, por exemplo, organize os alunos num círculo e oriente a leitura das notas. Pergunte quem já foi alvo de implicâncias e perseguições de colegas na escola. Houve algum tipo de agressão física ou as ações se deram mais no campo moral, com a escolha de apelidos politicamente incorretos? Os jovens percebiam risadinhas, empurrões, fofocas ou a propagação de termos pejorativos como bola, rolha de poço, baleia, nerd, quatro-olhos etc.? Quem já recebeu mensagens difamatórias ou ameaçadoras no celular, no Orkut ou nos blogs pessoais? Provavelmente muitos dirão que já testemunharam "brincadeiras" do gênero, mas dificilmente admitirão que já as promovam. Para debater, chame a atenção dos jovens para o fato de que o *bullying*, às vezes considerado normal por alguns pais e até por professores, está longe de ser inocente.

Apesar de configurar prática comum entre crianças e adolescentes de países diferentes e fazer parte do cotidiano escolar em todas as épocas, deve ser constantemente evitado e combatido. Ressalte que uma das maiores preocupações dos estudiosos do assunto são os efeitos psicológicos que as agressões podem produzir nas vítimas. Discuta o significado etimológico da expressão *bullying*. Então, peça que todos pensem numa possível tradução da palavra para o nosso idioma. Destaque os sinais listados em relação aos alvos da "brincadeira sem graça". Lembre que daí pode advir problemas como depressão, angústia, baixa autoestima, estresse, isolamento, fobias, evasão escolar, atitudes de autoflagelação e até suicídio. Mostre os estudos produzidos e inspirados nas pesquisas, mostre em dados reais ilustrativos, mostram que as vítimas do *bullying* podem, no futuro, reproduzir a prática com outras pessoas. Existem outras sugestões que podem amenizar os atos do *bullying* uma delas é propor que os alunos colham depoimentos, se possível com auxílio de um gravador – de pais, tios, avós e outras pessoas de diferentes faixas etárias sobre as dificuldades de relacionamento que

experimentaram durante o tempo de escola. Quais eram os apelidos mais comuns naquela época? Alguém foi às “vias de fato” com os colegas que criavam e apontavam defeitos nos outros? Certamente a garotada vai identificar casos diversos de pessoas que sofreram intimidações e agressões no passado. É importante que os depoentes contem de forma franca o que viveu e expliquem como superaram suas dores, a exemplo das personalidades ouvidas e perceberemos que “Eles Eram Alvo de Implicância”.

Posteriormente a isso, os jovens devem reunir o material obtido. O conjunto de narrativas dará a cada um a oportunidade de se identificar com os entrevistados e também de se colocar no lugar de quem é perseguido, achacado, discriminado, humilhado e ridicularizado ainda hoje. Depois peça que, divididos em pequenos grupos, os adolescentes aprofundem a questão e elaborem uma lista de ações para evitar o bullying na escola. As sugestões de cada equipe serão organizadas e apresentadas por meio de um grande painel para todo o colégio. Por fim, oriente a execução de textos dissertativos individuais sobre o fenômeno. Com a ajuda do professor de Língua Portuguesa, as redações podem ser avaliadas conforme a qualidade da argumentação e o nível de informação.

Diante das sugestões podemos verificar que todas as atividades que envolva essa prática serão bem sucedidas, com certeza não poderá encerrar-se esses atos de imediatos, mais dará inicial a um novo processo de escolarização de forma mais eficaz sem violência entre os discentes em todas as instituições de ensino, além de outras atitudes que com certeza também será bem vindas para tornar um espaço mais significativo, harmonioso e feliz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Abrapia – Associação Brasileira de Multiprofissionais de Proteção à Criança e ao Adolescente. Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica*, 2 (XXIII), 97-110.

ALEXANDER, J. (2007). *A Agressividade na escola. Bullying: um guia essencial para pais*. Barcarena: Editorial Presença.

BALLONE GJ. Maldade da infância e adolescência: bullying. PsiqWeb 2005. Beane, A. (2006). *A sala de aula sem bullying*. Porto: Porto Editora.

BEAUDOIN, Marie Nathalie. TAYLOR, Maureen. Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CATINI n. Problematizando o bullying para a realidade brasileira. Tese de Doutorado Psicologia. Campinas: PUC-Campinas, 2004.

CAVALCANTI m. Como lidar com brincadeiras que machucam a alma. Revista Nova Escola 2004;178:58-61.

CONSTANTINO, Alessandro. Bullying, como combatê-lo? : prevenir e enfrentar violência entre jovens. SP: Itália Nova editora, 2004.

CURY, a. j. Pais brilhantes, professores fascinantes. RJ: Sextante, 2003.

DUARTE, Renato. Efeitos da violência sobre o aprendizado nas escolas públicas da cidade do Recife. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2006.

FACHIN o. Fundamentos de metodologia. 3ªed. São Paulo: Saraiva, 2001.

FANTE, cleo. Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. rev. Campinas, SP: Verus editora, 2005.

MARQUES ar, ferreira neto ca, pereira b, ângulo jc. Bullying no contexto escolar: jogo e estratégias de intervenção. Cinergis 2005; 6(1):81-95.

OLIVEIRA ff, vovre sj. Bullying nas aulas de educação física. Movimento 2006.

PALACIOS, Marisa; REGO, Sergio Tavares de Almeida. Bullying: mais uma epidemia invisível? Rer. Bras. Educ. Méd. Vol. 30 nº1. Rio de Janeiro, 2006.

RODRÍGUEZ, N. (2007). *Bullying, Guerra na escola*: Lisboa: Sinais de Fogo.

SEIXAS, S. (2006). *Comportamentos de bullying entre pares. Bem estar e ajustamento escolar*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra,

SIMMONS r. Garota fora do jogo: a cultura oculta da agressão nas meninas. São Paulo: Rocco, 2004.

TEIXEIRA, Elizabeth. *As três Metodologias: Acadêmica, da Ciências e da Pesquisa*. 2ª edição, Ed. Vozes. 2006.

TRAUTMANN, Alberto. Maltrato entre pares o "bullying". Uma visión actual. *Revista Chilena de Pediatría*, 79 (1), 13-20, 2008.

TUBINO mjg, maynard k. *Esporte e cultura de paz*. Rio de Janeiro: Shape/Selo CONFEF, 2006.

* MARINHO DE SOUZA, Paulo Sérgio. É professor de Língua Portuguesa na Faculdade Tapajós, em Santarém (PA), formado em Pedagogia, Mestre e doutorando em Ciências da Educação pela Universidade San Carlos (CDE/PY).

* CUNHA, Hercules Farnesi da Costa. É professor universitário nos cursos de Comunicação Social e Especialização da AEMS – Três Lagoas (MS), UniSalesiano – Araçatuba (SP), formado em Comunicação Social pela UFJF (MG), Especialista em Gestão Governamental pela UFMS/FGV (SP), Especialista e Mestre em Comunicação Social pela UMEP (SP) e doutorando pela Universidad San Carlos (CDE/PY).